

Serina foi criada
para ser a garota perfeita.
Agora precisa ir contra
tudo o que aprendeu
para escapar da prisão.

GRACA & FÚRIA

TRACY BANGHART

SEGUINTE

TRACY BANGHART

GRACA
& FÚRIA

Tradução

ISADORA PROSPERO

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Sumário

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Trinta e seis

Trinta e sete

Trinta e oito

Trinta e nove

Quarenta

*A toda mulher que mandaram sentar e ficar
quieta... e que se levantou mesmo assim.*

UM

Serina

SERINA TESSARO ESTAVA PARADA NOS DEGRAUS da fonte na piazza central de Lanos, ao lado de outras nove garotas da mesma idade, todas usando seus vestidos mais elegantes. Seu sorriso brilhante não vacilava nunca, mesmo que o crepúsculo enevoadado cor de carvão tentasse sufocá-la.

O signor Pietro estreitou os olhos, avaliando cada garota. Conhecia todas desde que haviam nascido, e vinha observando, medindo e julgando seu potencial. Ele franziu os lábios, e seu bigode grisalho tremulou.

A massa escura das montanhas cercava a cidade manchada de fuligem, bloqueando quase todos os raios de sol. A família de Serina estava nas sombras, à margem da multidão. Apenas o rosto ruborizado de Nomi era visível. Serina podia identificar claramente, mesmo à distância, a fúria nos olhos da irmã. Renzo, irmão delas, segurava o braço de Nomi, como se quisesse contê-la. Serina não podia ler sua expressão, mas tinha certeza de que não refletia a expectativa óbvia dos pais deles.

O signor Pietro deu as costas para as garotas ao se dirigir às pessoas reunidas na piazza. À espera do decreto, o coração de Serina batia na garganta, mas ela escondeu a ansiedade sob uma fachada de

serenidade. Sua mãe tinha lhe ensinado a importância das máscaras.

— Este ano o herdeiro vai escolher suas primeiras graças. Cada província tem o direito de enviar uma garota para competir por essa honra. Como magistrado de Lanos, é minha responsabilidade escolher qual de nossas filhas viajará a Bellaqua. — Talvez ele tivesse feito uma pausa. Ou prolongado o suspense. Mas, diferente do que Serina esperava, o tempo não pareceu mais lento. O signore só prosseguiu com sua voz monótona e metódica. — E eu escolhi Serina Tessaro.

A multidão aplaudiu. Os olhos da sra. Tessaro se iluminaram de esperança. A expressão de Nomi ficou ainda mais sombria.

Em choque, Serina deu um passo à frente e fez uma reverência profunda. Não conseguia acreditar. Iria a Bellaqua. Deixaria aquela Lanos encardida e asfixiante para trás.

Ela havia imaginado aquilo infinitas vezes. Pegar o trem pela primeira vez e percorrer o interior exuberante de Viridia. Conhecer a cidade do superior, com seus canais e o vasto palazzo de mármore. Conhecer o herdeiro. Ele devia ser bonito como um príncipe de um conto de fadas.

Se fosse escolhida por ele, Serina moraria em um lindo palácio pelo resto dos seus dias. Nunca teria que trabalhar em uma fábrica de tecidos como a mãe ou se tornar uma criada como a prima. Nem seria obrigada a casar com o homem que pagasse mais por sua mão. Iria a bailes deslumbrantes e nunca passaria necessidade. Nem sua família. Nomi poderia ter uma vida melhor, apesar de sua relutância. Como sua aia, poderia sair de Lanos também.

O signor Pietro apertou a mão do pai de Serina enquanto ela descia a escada. A multidão se dispersava lentamente. As outras garotas não falaram com ela, voltando às suas famílias. A sra. Tessaro estava tremendo de excitação quando Serina se aproximou. Já fora tão alta quanto a filha, mas décadas curvada sobre a máquina de costura haviam retorcido sua coluna.

— Minha flor, estou tão orgulhosa. — Ela deu um abraço apertado em Serina. — Você trouxe uma honra enorme para nossa família.

Nomi deixou um ruído irônico escapar.

Serina lhe lançou um olhar de advertência. Ela seria açoitada caso o signor Pietro a ouvisse falar qualquer coisa contra o herdeiro ou o

superior. Ele já fizera tal ameaça quando inspecionava Serina de camisola durante um dos exames físicos e ouvira Nomi murmurar que aquilo era ridículo.

— Obrigado, signore — o sr. Tessaro disse, fazendo uma reverência.

O magistrado foi em direção à sua carruagem, a capa escarlate curta flutuando sob o brilho amarelado dos lampiões.

— Vamos — o sr. Tessaro disse à família. — Só temos dois dias para preparar sua viagem. — Ele tomou o rumo oposto do signore. Eles moravam perto da piazza central.

Serina inspirou o ar sujo de Lanos e seguiu o pai, que não tinha sequer olhado para ela. Tentou adivinhar o humor dele pelos seus ombros rígidos. Estaria orgulhoso, como a mãe dela?

Serina não sabia dizer. Ele era imprevisível.

Renzo cutucou seu braço.

— Você está linda — ele disse. — O herdeiro seria um tolo de não te escolher. — Serina lançou um olhar grato ao irmão. Renzo entendia o quanto aquilo significava para ela. Para todos eles.

Alto e robusto, era fácil esquecer que Renzo era quase dois anos mais novo que Serina. Embora ele e Nomi fossem gêmeos, não eram muito parecidos, a não ser pelos olhos âmbar, vários tons mais claros que os da irmã mais velha.

Nomi ficou para trás, arrastando os pés como uma criança mimada. Serina reduziu o passo para caminhar ao seu lado.

— Isso é algo *bom* — ela murmurou, baixo o suficiente para que os pais não escutassem. As ruas por onde passavam estavam vazias; todos voltaram para casa imediatamente depois do grande anúncio. A luz tremulante dos lampiões lançava manchas amareladas contra as paredes de pedra bruta das casas. O pavimento era sujo e desnivelado, mas Serina não tropeçou, ainda que seu vestido longo cor de cobre produzisse um leve ruído ao raspar no chão.

— Não quero conversar agora — Nomi rosnou, pouco preocupada em manter a voz baixa.

Serina teve vontade de esganá-la.

— Você não consegue ficar feliz? Isso não entra na minha cabeça. Vamos sair dessa cidade horrível. Quem sabe até viver no palácio.

Vai ser mais fácil trabalhar como minha aia do que cuidar de todo mundo, como você faz agora. E comida nunca mais vai ser um problema. Mamãe vai poder parar de trabalhar...

Nomi apressou o passo, como se tentasse fugir das palavras da irmã.

— Essa é a diferença entre nós duas — disse, com as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo. Um rubor escuro floresceu em seu rosto. — Não acho que essa cidade seja horrível. E não acredito em contos de fadas. Não *quero*...

— O que você *quer* está além do nosso alcance — Serina interrompeu, cansada da raiva da irmã. — Você nunca vai poder escolher seu próprio trabalho, seu próprio marido ou... qualquer outra coisa. Não é assim que funciona.

Não era culpa de Serina se Viridia dava tão poucas escolhas às mulheres. Ela tinha aprendido havia muito tempo que não adiantava lutar, então procurava fazer o máximo com o que tinha.

E o que ela tinha era a chance de se tornar uma das mulheres mais importantes do país inteiro. Se o herdeiro a escolhesse, podia se tornar a mãe de um futuro superior.

— *Nada* devia estar além do nosso alcance. Esse é o ponto — Nomi disse.

Elas ainda não tinham parado de discutir quando chegaram à pequena casa. Renzo segurou a porta rangente aberta para elas, deixando claro pela expressão de escárnio que tinha escutado tudo.

— Nomi, papai quer que você comece a fazer o jantar.

Ela entrou na sala de estar apertada batendo os pés, mas não respondeu. Serina a seguiu, levantando a saia do vestido para que não ficasse presa no batente. Ela acompanhou o olhar de Nomi até os livros escolares de Renzo, ainda abertos na mesa de madeira rústica, e cutucou seu braço em aviso. A irmã não se mexeu, então Serina pigarreou.

Nomi ergueu os olhos para ela, levando um segundo para focá-los. Então balançou a cabeça, como se tentasse voltar à realidade, e foi depressa até a pia.

Serina olhou para os pais, mas eles estavam conversando baixinho perto do fogão de ferro. Não tinham notado a movimentação. Havia muita coisa que não notavam.

Serina e Nomi eram como quaisquer outras filhas na fria cidade industrial de Lanos.

Mas Serina tinha sua beleza.

E Nomi tinha seu segredo.

Serina rezou para que conseguisse atrair o olhar do herdeiro, tanto pelo bem dela quanto da irmã. Quando Renzo fechou a porta, a batida oca ecoou em seus ossos. Ela sentiu um arrepio, subitamente cheia de temores que sequer conseguia nomear.

DOIS

Nomi

O MOTORISTA DO RIQUIXÁ PEDALAVA LOUCAMENTE, sem nunca diminuir o ritmo por causa das fendas enormes no calçamento ou dos pedestres de olhos arregalados. Todos aqueles trancos e sacudidas embrulhavam o estômago de Nomi. Ou talvez fosse o ar pesado e úmido com cheiro de peixe podre.

Não. Ela sabia o que fazia seus músculos retorcerem e sugava todo o ar dos seus pulmões. Quanto mais se aproximavam do palazzo, mais forte era o seu desejo de seguir na direção oposta. Menos de duas semanas haviam passado desde que o signor Pietro escolhera Serina, e os dias tinham corrido tão rápido e dolorosos quanto aquela última viagem sacolejante.

Nomi estremeceu quando os dedos de Serina apertaram seu braço, fincando as unhas em sua pele enquanto a carruagem disparava cambaleando sobre uma pequena ponte, próxima demais da beirada. Renzo ficou pálido. Ele ocupava o assento oposto a elas, suas longas pernas dobradas como as de uma aranha para caber no espaço apertado.

Antes do que Nomi gostaria, o riquixá parou de repente na grande piazza. Ela sentiu o coração acelerar.

No ponto mais distante da praça movimentada, um canal amplo

brilhava ao sol, pontuado por grupos de longos barcos pretos. Além dele, o palazzo do superior se erguia para o céu em uma ilha, como o sol dourado nascendo. Nomi respirou fundo algumas vezes. Em circunstâncias diferentes, teria gostado de ver Bellaqua. Mas não daquele jeito. Não naquele dia.

Renzo deu uns trocados ao motorista antes de ajudar as irmãs a descer do riquixá. Os joelhos de Nomi continuaram tremendo mesmo depois que pisou em terra firme.

— Hora de dizer adeus. — Renzo tentava soar forte, mas havia um tremor em sua voz. Serina manteve a cabeça inclinada, como a irmã comportada que era, enquanto ele a puxou para um abraço breve e educado.

Mas Nomi não podia aceitar aquilo. Ela abraçou o irmão com força, enterrando o rosto em seu casaco, inspirando seu aroma familiar e reconfortante. Suas pernas e seu estômago se acalmaram um pouco. Renzo esperaria em Bellaqua até o anúncio. Eles podiam se ver de novo em algumas horas — ou nunca mais. A incerteza era insuportável.

— Posso raptar vocês duas para fugirmos para a liberdade se Serina for escolhida? — Renzo sussurrou de brincadeira, mas havia tensão em sua voz.

Se aquilo fosse possível... Nomi o apertou mais forte antes de se afastar. Os dois trocaram um olhar agoniado.

— Vamos, Nomi — Serina disse baixinho. Um homem de libré preta e dourada estendia a mão para ela. Com a cabeça ainda inclinada, Serina o acompanhou.

Nomi sentia falta de ar. Não estava preparada.

Renzo pareceu entender. Com uma tentativa de sorriso, deu um beijo em sua bochecha e foi embora, para que não fosse ela quem tivesse que deixá-lo. A despedida cortou Nomi como uma lâmina.

— Vamos — Serina murmurou de novo.

Relutante, ela se virou para seguir a irmã através da multidão. O homem de preto e dourado as conduziu através da piazza até o grande canal onde sua gôndola oscilava suave ao lado das outras. Ele ajudou Serina e depois Nomi a subir no barco, e as irmãs se acomodaram em almofadas macias com fios de ouro. Ao redor delas, dezenas de outras

garotas flutuavam em suas próprias gôndolas, seus vestidos coloridos indicando que eram candidatas.

A multidão sorridente que assistia àquela procissão aplaudia. Uma criança atirou um punhado de flores enquanto as irmãs se afastavam da margem. Serina sorriu diante de tamanha atenção e das pétalas cor-de-rosa voando.

Nomi não conseguia entender a expressão serena da irmã, tão conflitante com sua própria agitação. Ela queria voltar para a margem, correr até Renzo e fugir da cidade. Queria fazer qualquer coisa que não fosse flutuar em direção ao palácio do superior como um sacrifício relutante a um deus antigo. Mas aquele era o problema: *Serina* não relutava.

Nomi enxugou os olhos, tentando conter suas lágrimas. Com a outra mão, segurava firme a pequena bolsa com seus pertences.

— E se nunca mais virmos Renzo?

— Vai ser uma bênção — Serina respondeu. Mas sua voz tremia. Nomi percebeu a ruga entre as sobrancelhas da irmã enquanto encarava o palácio, e uma leve tensão no canto da boca. Talvez ela não estivesse tão calma quanto aparentava. Então Serina acrescentou, mais suavemente: — Você sabe disso.

— Mas posso desejar que as coisas sejam diferentes — Nomi murmurou, enquanto a gôndola batia contra a borda do canal. Algumas das garotas já tinham desembarcado e estavam na base dos degraus que levavam ao palazzo do superior. Os ciprestes que margeavam a água estavam decorados com pequenos sinos, que tilintavam com a brisa.

Enquanto subia a enorme escadaria, a última em uma longa fila de garotas em vestidos coloridos e elegantes, Nomi amaldiçoou o herdeiro que aguardava no topo. Ele não daria a menor atenção a ela — nem a qualquer outra das aias —, mas sua vida dependia da possibilidade de ele notar ou não sua irmã.

À frente, Serina flutuava escadaria acima, com o cabelo castanho solto e brilhante na altura da cintura. Seu vestido, um mosaico intrincado de diferentes tecidos que a mãe tinha costurado meticulosamente, ondulava como água. Ela não revelava nenhum sinal de cansaço ou indício de que tinham passado sete longos dias

em um trem instável, uma noite em um quarto de hotel precário e um dia de preparação frenética para o baile do herdeiro.

Nomi apertou a bolsa com mais força. Tentou não tropeçar nos degraus de mármore enquanto examinava o superior, um homem de uma magreza doentia e um olhar severo, e seus dois filhos. Malachi, o herdeiro, usava um uniforme branco com bordado dourado que acentuava seu físico musculoso. Suas maçãs do rosto largas e seu cabelo castanho cortado rente davam uma dureza a seu rosto, mas seus lábios carnudos suavizavam sua expressão. Até ela tinha que admitir que era bonito, embora aterrorizante. Enquanto passavam, ele observava cuidadosamente as candidatas a graça com seus olhos escuros penetrantes.

O filho mais jovem, Asa, olhava para o canal. Seu cabelo escuro era mais longo que o do irmão e bagunçado, como se passasse as mãos nele o tempo todo.

Nomi deveria ter inclinado a cabeça ao passar por eles, mas não se deu ao trabalho. Como esperava, ninguém a notou. Os três homens se concentraram no cabelo lustroso de Serina e no balanço de seus quadris. Às vezes Nomi ficava irritada com o jeito como a irmã atraía tantos olhares. Mas, naquele momento, ficou contente, porque aquilo a tornava invisível. Não invejava a tarefa à frente de Serina nem o peso do olhar gélido do superior.

Quando chegou à sombra da varanda, fora do campo de visão dos homens, Nomi relaxou um pouco. As candidatas a graça e suas aias seguiram até uma galeria ornamentada, que terminava em um par de portas pesadas de madeira entalhada.

As irmãs ficaram em um lugar perto da parede.

— Me deixe dar uma olhada na sua maquiagem — Nomi disse. Por mais que quisesse estar em qualquer outro lugar, ainda tinha um trabalho a fazer. Ambas tinham.

— Acha que temos chance? — Serina murmurou, lançando um olhar de esguelha para a garota mais próxima, cujo vestido laranja era rearranjado pela aia.

Nomi ficou tentada a dizer o que realmente pensava: que elas deviam sair dali naquele mesmo instante, sem dizer nada. Que deviam voltar para Lanos, ou, ainda melhor, ir para outro lugar, onde

pudessem decidir elas mesmas como queriam passar seus dias, em vez de ser obrigadas a cumprir tarefas infundáveis, no caso dela, ou a horas de aulas de etiqueta e de dança, no caso da irmã. Mas Nomi sabia a verdade tão bem quanto Serina: aquele lugar não existia. Não importava para onde fossem, suas escolhas seriam as mesmas: elas podiam ser operárias, criadas ou esposas. A não ser que Serina se tornasse uma graça.

Em Viridia, as graças representavam os mais elevados padrões de beleza, elegância e obediência. Eram ao que todas as garotas deveriam aspirar.

Tornar-se uma graça e uma aia implicaria uma vida diferente para Serina e Nomi, mas elas discordavam quanto a essa vida ser melhor ou pior.

— Acho que vamos perder algo de qualquer forma — Nomi disse enquanto acertava o kohl do canto do olho da irmã.

— Não diga isso — Serina alertou. — Não...

— Você não pensa como seria desfilar diante do herdeiro, como se fosse uma de suas posses? — Nomi sussurrou. Alisou uma mecha do cabelo de Serina, com as mãos trêmulas. As duas irmãs tinham cabelo castanho, pele oliva e as maçãs do rosto altas da mãe. Mas Serina era tão bela e encorpada quanto Nomi era deselegante e magricela. Serina era extraordinária; Nomi era comum.

— O objetivo não é se tornar uma posse dele, e sim conquistar sua admiração e desejo — Serina disse, dando um sorriso artificial às garotas que as olhavam. — Essa é nossa chance de ter uma vida melhor.

— E por que seria melhor? — Nomi balançou a cabeça. A raiva se ergueu inutilmente no seu peito. — Serina, não deveríamos ter que...

A irmã se aproximou ainda mais.

— Sorria, como se estivesse feliz. Como se fosse igual a essas garotas.

Nomi encarou Serina. Ficava tão linda daquele jeito, com as bochechas coradas de raiva. Era tão mais interessante quando não estava presa a um espartilho e a um sorriso tímido e submisso.

Os murmúrios abafados das candidatas e de suas aias morreram quando uma mulher subiu num estrado do outro lado da sala. Seu

vestido de seda cor de creme intensificava seu ar refinado e seu corpo escultural.

— Meu nome é Ines. Sou a graça-maior. — As palavras da mulher saíam suaves como música. — O herdeiro está honrado por terem viajado de tão longe e lamenta só poder escolher três de vocês para permanecer, mas tenham certeza de que todas serão abençoadas.

Nomi sempre achara estranho que os superiores e seus herdeiros escolhessem três graças a cada três anos, em vez de fazerem uma seleção anual. Mas o processo envolvia o país inteiro, com magistrados passando meses analisando as candidatas de suas províncias e o superior organizando inúmeros bailes e eventos para exibir as escolhidas.

O superior atual tinha quase quarenta graças. Boatos sobre sua saúde circulavam, e aquele ano ele tinha anunciado que não escolheria mais nenhuma para si mesmo. Em vez disso, o herdeiro faria sua primeira seleção. Muitos imaginavam que aquilo significava que o governante logo renunciaria, passando o poder sobre Viridia para seu filho mais velho.

— O baile está prestes a começar — Ines disse, erguendo as mãos e fazendo seus grossos braceletes dourados tilintarem. — Chegou a hora, candidatas.

Serina abraçou Nomi com força.

— Se comporte — ela recomendou.

— Estou mais preocupada com você — Nomi respondeu, agarrando-se à irmã com a mesma intensidade.

Uma a uma, as garotas foram chamadas. As portas ao salão de baile se abriam e fechavam a cada anúncio. Quando a vez de Serina chegou, dois homens abriram as portas enormes, expondo a claridade rodopiante dentro do salão.

— Serina Tessaro, de Lanos — anunciou uma voz profunda. Sem olhar para trás, Serina deu um passo em direção à luz.

O coração de Nomi deu um salto doloroso quando a irmã desapareceu de vista.

Ela largou a bolsa onde as outras aias tinham deixado as suas e ficou sozinha em um canto, se sentindo constrangida. Algumas garotas se agruparam na varanda para conversar. O resto sentou ou

ficou vagando pela galeria, observando o ambiente suntuoso.

As paredes pareciam querer esmagar Nomi com seu ouro e brilho. Tudo era tão diferente de sua casa. Ela só estava longe fazia uma semana, mas já sentia falta de acordar com o som de Renzo juntando seus livros para a longa caminhada até a escola. Sentia falta dos momentos roubados depois que tinha terminado suas tarefas, quando podia sentar e descansar sem que a mãe lhe desse bronca. Sentia falta do vento cortante e carregado de neve do crepúsculo, sabendo que o mundo pareceria totalmente diferente pela manhã. E até do grunhido dos canos e das janelinhas cheias de fuligem da casa da família na rua das Fábricas.

Parte dela torcia desesperadamente para que fossem mandadas de volta. Para que pudessem retornar àquela casinha dilapidada. Mas Nomi sabia que aquilo só adiaria sua separação inevitável da família.

Ocorreu-lhe que poderia passar o resto dos seus dias daquele modo: presa a uma sala ostensiva esperando Serina voltar, com sua própria vida reduzida a uma nota de rodapé. Comum. Invisível. Esquecida.

Seus olhos queimavam de tanto segurar o choro. Ela olhou ao redor, preocupada, mas ninguém estava prestando atenção. Talvez se jogasse um pouco de água no rosto e tivesse um momento para si mesma se sentisse melhor.

Ela saiu pelo corredor à procura do lavatório. A cada passo, o aperto no peito diminuía.

Ao virar, o interior de um cômodo atraiu seu olhar. Tinha poltronas estofadas, um tapete bordado com muito esmero e uma infinidade de estantes de mogno lustroso absurdamente altas, cheias de volumes encadernados com detalhes em ouro. *Livros*. Mais do que Nomi vira em toda a vida. Antes que pudesse entender o que estava fazendo, a garota se aproximou. Ficou parada diante da porta entreaberta tentando detectar algum movimento. Então, num suspiro, entrou.

Era como se o mundo inteiro se abrisse à sua frente. Fileiras e mais fileiras de estantes se erguiam até o teto. O aroma de fumaça de cachimbo pairava forte no ar. Ela inspirou profundamente, deixando o silêncio e a promessa do cômodo a preencherem. Nomi se aproximou tremendo das estantes e correu os dedos pelas lombadas grossas de couro. Os títulos dourados cintilavam à luz baça. Ela traçou as

palavras, muitas delas desconhecidas. Sua mão parou em um volume fino, quase engolido entre dois grandes livros pretos. Nomi inspirou fundo quando o reconheceu. *Lendas de Viridia*.

De imediato, uma lembrança veio à sua mente. No outono em que tinham feito doze anos, Renzo ganhou aquele mesmo livro, e ela tinha exigido saber seu conteúdo.

A lei proibia que as mulheres lessem. Na verdade, a lei proibia que fizessem praticamente qualquer coisa além de parir, trabalhar em fábricas e limpar a casa de homens ricos.

Nomi não conseguia aceitar aquilo. E Renzo não resistira à tentação de exibir seu conhecimento. A passos lentos mas constantes, tinha ensinado a irmã a ler.

Tinham sido os melhores meses da vida dela. Eles passavam as noites inclinados à luz de uma vela enquanto Nomi lia e relia a história da lua e de seu amante, os terrores das profundezas e o conto de dois irmãos separados por uma mulher tatuada misteriosa, que tinha um olho dourado. O último era seu preferido. Serina era a única que sabia o segredo deles. Renzo perguntou uma vez se queria aprender também, mas ela preferia que só lhe contassem histórias, sempre as mesmas, enquanto praticava seu bordado. Quando a primavera chegou e o livro de lendas foi substituído por um de equações matemáticas da escola, Nomi e Serina continuaram a contar histórias uma à outra, de memória. Mas nunca foi como antes.

Nomi tirou o livro da estante, acariciando as letras em relevo na capa. Era feito do mesmo couro suave do exemplar de que se lembrava, só que sem as marcas e os cantos amassados. Ela abraçou o livro, recordando cada noite em que tinha se debruçado com Renzo sobre as páginas, enquanto aprendia a pronúncia e o significado de cada palavra.

O livro era seu lar de uma forma que o palazzo com sua decoração suntuosa jamais seria.

Ela não conseguiria deixá-lo para trás. Certamente ninguém sentiria falta de um pequeno volume de histórias como aquele. Nomi o enfiou no decote do vestido tão rápido, com tanta facilidade, que quase se convenceu de que era o livro que queria ir embora com ela, e não o contrário. Então se apressou de volta ao corredor, cruzando os braços

de forma protetora.

Estava quase na galeria quando dois homens surgiram à sua frente.

O herdeiro e seu irmão.

Nomi inclinou a cabeça e esperou que passassem, apertando o livro escondido com força.

— ... deveria caber a mim, não aos magistrados — o herdeiro estava dizendo, a fúria marcando suas palavras. Ele parou quando a viu.

Nomi devia ter feito uma reverência. Devia ter mantido a cabeça baixa, como qualquer outra aia. Mas foi pega de surpresa, despreparada, e, sem querer, o encarou.

Os olhos do herdeiro eram castanho-escuros e de uma intensidade silenciosa. Eles a encaravam como se fossem capazes de desvendar sua história, suas esperanças secretas, tudo. Nomi se sentiu exposta.

Com o rosto queimando, finalmente conseguiu desviar o olhar.

— Quem é você? — Malachi exigiu saber.

— Nomi Tessaro — ela murmurou.

— E o que exatamente está fazendo aqui, Nomi Tessaro? — perguntou o herdeiro, com a voz carregada de suspeita.

Ela inclinou a cabeça.

— Eu... sou uma aia. Estava só... — Sua voz sumiu. Ela não conseguia lembrar o que devia estar fazendo. O livro queimava sua pele.

— Vamos, Malachi, estamos atrasados — Asa disse, passando uma mão impaciente pelo cabelo. Seu terno preto era idêntico ao terno branco do irmão, até os bordados dourados, mas ele mesmo tinha um ar mais relaxado, que beirava o desleixo.

Malachi o ignorou e se aproximou de Nomi, pressionando a garota contra a parede com seu corpo musculoso.

— Estava só o quê?

A tentativa de intimidação teve o efeito contrário. Nomi se irritou, e a fúria familiar e instintiva fez com que o pânico, por um momento, sumisse.

Ela endireitou a coluna, ergueu o queixo e rebateu o olhar frio do herdeiro, irradiando rebeldia.

— Eu estava usando o lavatório — Nomi disse, alto e claro. — É

logo ali, se precisar — acrescentou, indicando o fim do corredor com a cabeça.

Asa riu, mas o herdeiro não pareceu achar graça. Seu rosto adquiriu um tom rubro raivoso.

Um medo amargo subiu pela garganta de Nomi, que baixou os olhos. Serina tinha pedido que se comportasse, e ela conseguira se meter em uma confusão em menos de dez minutos. A audácia de suas palavras... A expressão que o herdeiro sem dúvida vira nos seus olhos...

— Está dispensada — Malachi disse afinal, mas soava mais como uma sentença do que uma libertação.

Com o coração disparado, Nomi correu de volta à galeria enquanto os dois seguiam seu caminho. As bordas afiadas do livro roubado perfuravam sua pele.

Ela foi até o canto onde deixara a bolsa e enfiou o volume lá dentro. Estava quase certa de que o herdeiro não tinha visto. Mas sua impertinência era suficiente para condená-la.

Pelo resto da noite, Nomi esperou, com os olhos fixos nas portas abertas, se perguntando quando seu mundo acabaria.

TRÊS

Serina

O PRIMEIRO BAILE DE SERINA ESTAVA SENDO quase exatamente como ela tinha imaginado. O salão extenso e reluzente fervia, as candidatas a graça cintilantes e coloridas como um cardume de peixes. As paredes espelhadas e as filigranas de ouro refletiam a luz de uma dúzia de lustres de cristal. Havia músicos sentados perto das arcadas que levavam ao terraço, seus dedos se movendo tão rápido pelos instrumentos que ela nem conseguia acompanhar.

Era muito diferente da sala de estar apertada de casa, onde um instrutor tinha lhe ensinado a dançar tendo Renzo como par. Eles não tinham música, só o ritmo constante do instrutor batendo palmas.

Já no salão, a música borbulhante enrolava-se e girava. Serina rodopiava e sorria nos braços dos dignitários elegantes do superior, animada com tanto glamour, desfrutando de ser um daqueles peixes cintilantes e coloridos.

Mas faltava algo para completar o conto de fadas. O herdeiro ainda não tinha aparecido.

Quando os músicos fizeram um intervalo, Serina se recolheu a um canto para recuperar o fôlego. Os laços do espartilho apertavam seus pulmões. Enquanto descansava, ela esquadrinhou o salão de baile. Não era difícil identificar as graças do superior. Diferente das

candidatas, elas se moviam como se pertencessem àquele ambiente, parecendo acostumadas com toda a atenção. Várias posavam em plataformas circulares altas, cobertas de cetim roxo brilhante, elevadas — literalmente — ao epítome da perfeição feminina. Serina as encarava maravilhada com o controle que demonstravam ao ficar tão imóveis.

Ela tinha sido preparada para aquilo; seu treinamento começara antes que tivesse idade para entender o que significava ser uma graça. Desde a primeira vez que dançara sobre o chão empoeirado com Renzo, sentira o peso da expectativa sobre seus ombros. Serina sempre soubera que ser escolhida, a honra mais alta que qualquer garota de Viridia poderia ter, mudaria o destino de sua família e permitiria que sua mãe — quase cega depois de anos forçando os olhos sobre a máquina de costura da fábrica — enfim parasse de trabalhar. Permitiria a seu irmão um dia poder pagar o dote de uma noiva.

E o mais importante: como uma graça ela poderia manter sua obstinada irmã a seu lado. Nomi era inteligente até demais, desafiava a autoridade e as regras mais do que devia. A irmã era uma sonhadora. Serina, mais realista, fazia tudo a seu alcance para proteger seu espírito rebelde e manter sua segurança. Nada a assustava mais do que a ideia de que algum dia Nomi pudesse se arriscar tanto a ponto de ser pega.

Mesmo que sua irmã não visse aquela oportunidade como uma dádiva, tudo o que Serina queria era se tornar uma graça e mantê-la por perto como sua aia.

Uma garota parou ao lado de Serina, seu vestido com estampa floral esvoaçando levemente.

— É incrível, não é?

Serina a avaliou com um olhar rápido: feições suaves, bonitos olhos azuis, cabelo de um loiro platinado peculiar que quase parecia cintilar à luz suave.

— Nunca vi nada assim antes — Serina respondeu. Ela examinou o salão outra vez. O herdeiro provavelmente faria sua entrada em breve.

— Nunca vi nada como esse seu vestido — a garota disse. — Foi sua mãe que fez?

Serina demorou um instante para perceber a farpa escondida por trás da voz doce da garota. Então sorriu, simpática. Não ia admitir que fora de fato a mãe que o fizera.

— É tão... *interessante* — a garota continuou. — Ninguém usa azul há anos em Bellaqua.

Ela olhou para a pista de dança, e Serina seguiu seu olhar. Era verdade; o salão era um mar de rosa, roxo e amarelo. A maioria dos vestidos era longo, alguns cobertos de bordados. Mais formais que o vestido leve na altura da panturrilha e as sandálias douradas de Serina.

Ela ergueu o queixo e deu de ombros.

— Então devo estar com sorte, já que azul é a cor preferida do herdeiro. — Era mentira, claro; Serina não tinha como saber aquilo. Mas o olhar estupefato no rosto da garota valia a pena. Serina se afastou, deixando a candidata boquiaberta para trás.

Uma onda de animação percorreu o salão de baile. Serina se virou bem a tempo de ver o herdeiro finalmente entrar, acompanhado do irmão.

Ele examinou o salão, identificando cada uma das candidatas. Serina baixou o olhar muito antes que chegasse nela. Algumas candidatas se esgueiraram para mais perto. Ines apareceu ao lado do herdeiro. A garota que tinha conversado com Serina foi depressa até lá, mas ela mesma não se moveu. Não queria se juntar às outras e ser mais uma na multidão. Em vez disso, foi até a varanda observar os últimos raios de sol rasgando o céu. Sabia que aquela luz radiante e dourada faria sua pele brilhar.

Muito abaixo da varanda, os canais reluziam em tons de rosa e laranja. Serina tinha ouvido histórias sobre Bellaqua a vida toda. Empoleirada na ponta mais ao sul de Viridia, era a fortaleza da família real e seu maior feito. O primeiro superior a tinha planejado para parecer com uma antiga cidade do norte que fora destruída durante as Inundações. Ao vê-la pessoalmente, Serina não podia negar sua beleza; mas o lugar também tinha um ar frio, intocável, distante.

Ines e o herdeiro enfim chegaram a ela.

— Malachi, esta é Serina Tessaro, de Lanos.

Ela se virou da balaustrada e fez sua reverência mais baixa e graciosa. Quando se endireitou, ergueu o olhar apenas até os lábios do herdeiro, que eram carnudos e suaves, contrastando com as linhas duras de sua mandíbula. Não seria educado encontrar os olhos dele.

— Estou honrada por estar aqui e ansiosa para servir vossa eminência. — Ela sorriu.

— Serina Tessaro? Esse é o seu nome? — ele perguntou, com uma aspereza que ela não esperava.

Serina inclinou a cabeça delicadamente, do jeito que tinham lhe ensinado, como uma flor balançando ao vento.

— Sim, vossa eminência — ela respondeu, então se virou de leve para que a luz caísse sobre seu rosto.

— Dance comigo — ele ordenou.

Uma pontada de calor nervoso a perpassou.

— Seria uma honra, vossa eminência.

A mão de Malachi se fechou ao redor da dela, e ele a conduziu para a pista de dança, enquanto os músicos começavam uma melodia rápida e selvagem. Ela girou para longe dele, então de volta aos seus braços. Enquanto rodopiava, era impossível não ver os olhares invejosos das outras candidatas. Seus pés reproduziam os passos da dança com facilidade e sua pele se arrepiava em todo ponto que o herdeiro tocava.

— Você é de Lanos? — Malachi perguntou quando a música ficou mais lenta. Ela imaginou que fosse tirar outra garota para dançar, mas ele não o fez, e ainda a puxou mais para perto. O herdeiro tinha um cheiro delicioso, de caramelo e vinho quente.

— Sim, eminência. Das montanhas. Ainda faz frio lá nessa época do ano.

— E você mora com seus pais? Tem irmãos? — Agora, eles mal se mexiam, só balançavam de leve ao ritmo da música. As mãos de Malachi estavam apoiadas nos quadris dela, seu calor atravessando as camadas finas do vestido.

— Moro com meus pais, eminência. Tenho dois irmãos mais novos. Minha irmã veio para cá como minha aia.

A música chegou ao fim, e daquela vez o herdeiro a soltou. Ela continuou a sentir o calor de suas mãos mesmo depois de se

desvencilharem.

Serina fez outra reverência e foi incapaz de conter um sorriso.

— Obrigada pela dança, vossa eminência.

— Foi um prazer — ele respondeu, então se enfiou entre os outros dançarinos e desapareceu de vista.

Enquanto voltava para seu canto na varanda, Serina repassou cada frase, cada toque, analisando seu desempenho. O herdeiro parecera envolvido. Tinha segurado seu corpo próximo do dele. Ela havia se mostrado sob a luz lisonjeira. Pela primeira vez em uma semana, desde que havia começado a longa jornada de Lanos, Serina relaxou os ombros. Tinha feito seu trabalho. E bem. Talvez realmente fosse escolhida.

Então o que aconteceria?

Um sorriso lento desabrochou em seu rosto. O herdeiro era tão bonito quanto ela tinha imaginado.

De repente um murmúrio atravessou o salão de baile, afastando seus pensamentos. Ela vasculhou a pista, em busca do herdeiro, mas só havia dignitários e graças ali, nenhum sinal de um terno branco. Algumas das candidatas a graça a encaravam furiosas.

A compreensão a atingiu como os últimos raios do sol: o príncipe Malachi tinha ido embora, e Serina havia sido a única tirada para dançar.

As candidatas voltaram à área de espera, e Serina mal teve um instante para recuperar o fôlego antes que Nomi a alcançasse. Ela agarrou seu braço e a arrastou para um canto escondido por uma enorme planta. Parecia nervosa, como se estivesse prestes a vomitar.

Serina apertou suas mãos, tentando acalmá-la.

— Está tudo bem — disse, sem fôlego. — Foi bastante satisfatório. Até melhor do que eu esperava. Pode ficar tranquila.

Em vez de aliviada, Nomi pareceu desconfortável. Antes que Serina tivesse a chance de perguntar qual era o problema, Ines entrou na sala e o silêncio dominou o ambiente.

— Minhas flores — ela começou. — O herdeiro ficou extremamente satisfeito por ter conhecido todas vocês. Sua beleza e elegância incomparáveis tornou a escolha muito difícil, mas depois de

uma consulta com os magistrados de suas províncias e muita consideração, ele tomou sua decisão. Assim que anunciar as escolhidas, vou levá-las a seus aposentos. O resto de vocês permanecerá aqui enquanto providenciamos seu transporte de volta à piazza central de Bellaqua, onde suas famílias estarão esperando. As famílias daquelas que ficarem conosco serão notificadas de sua boa sorte. As novas graças poderão, naturalmente, enviar uma mensagem a elas assim que quiserem por meio dos escribas do palácio.

Serina apertou a mão da irmã. A hora tinha chegado. Sua antiga vida estava acabando e a nova começaria. As outras garotas se remexiam e sussurravam com suas aias. O coração de Serina batia freneticamente.

— Maris Azaria, o herdeiro a escolheu.

Serina procurou entre as garotas, e não foi difícil encontrar Maris — ela se debulhava em lágrimas, apertando os braços ao redor do vestido rosa brilhante. Seu cabelo, na altura da cintura, se agitou e cobriu parte de seu rosto. Serina não sabia dizer se eram lágrimas de alegria.

— Mais duas — ela sussurrou a Nomi. Mais duas chances.

Ines esperou até que todas se acalmassem.

— Cassia Runetti, você foi escolhida. — Ela assentiu para uma garota perto do estrado.

Era a mesma que tinha conversado com Serina. A mandíbula delicada de Cassia se afrouxou, seus olhos se arregalaram e ela riu alto, fazendo seu cabelo platinado ondular. Serina podia ver que o vestido dela era de ótima qualidade, assim como seus saltos perigosamente altos. Devia ser de uma das regiões ricas do leste, como Sola ou a Ilha Dourada.

As outras garotas se remexeram, sussurrando com suas aias. Só faltava um nome. Quando Ines pigarreou, Serina segurou o ar.

— A última graça do herdeiro será... Nomi Tessaro.

De repente Serina sentiu um peso deixar seus ombros. O pensamento de que tinha conseguido a encheu de alívio e alegria. Então se deu conta de que eles tinham cometido um erro.

— Na verdade, é *Serina* Tessaro — ela disse para Ines, sorrindo.

A mulher mais velha balançou a cabeça.

— Não, minha flor, você não foi escolhida. — Suas palavras ressoaram no silêncio confuso da sala. Todos os olhos se viraram para Nomi.

A visão de Serina se turvou e ela parou de respirar. Ines a encarou e disse:

— Sua aia foi escolhida. *Nomi* Tessaro, sua irmã.

A sala irrompeu em confusão e raiva quando as vozes se ergueram.

Serina encarou Ines e depois a irmã, com o coração batendo num ritmo frenético. Os olhos de Nomi estavam selvagens e seu cabelo escapava de sua longa trança. Seu vestido marrom simples estava repuxado de um lado do quadril, o que deixava a barra desnivelada. Até ali, vestida em suas melhores roupas, Nomi parecia indomável. Uma garota que odiava tudo relacionado às graças e ao que representavam — e que agora era uma delas.

QUATRO

Nomi

NOMI CAMBALEOU, SEM AR. AQUILO ERA UM ERRO. Como poderia *não ser?*

As pessoas ao seu redor se remexiam. Algumas candidatas começaram a chorar. Outras a encaravam com raiva. Ines foi para a porta, seguida pelas outras graças recém-escolhidas e suas aias.

Ela se virou e lhe lançou um olhar impaciente. Em choque, Nomi se inclinou para pegar sua bolsa. Serina a arrancou da mão dela.

— Mas eu...

— Você é uma graça agora — Serina sibilou e se dirigiu para a porta.

Nomi a seguiu, porque não sabia mais o que fazer. *Não sou uma graça*, ela pensou. Aquilo era uma alucinação. Um sonho febril.

Um pesadelo.

Ines seguiu pelo corredor, na direção oposta à da biblioteca.

— O que aconteceu? — Serina murmurou. Seu rosto estava profundamente corado.

— Não sei. — Nomi coçou o pescoço. Estava se sentindo sufocada, como se sua pele tivesse sido esticada demais. — Isso é permitido? O signor Pietro escolheu você, não eu.

— É a vontade do herdeiro — interrompeu Ines, em um tom brusco

que silenciou ambas.

Nomi vacilou, quase tropeçando nos próprios pés. Tinha sido rude com o herdeiro. Rebelde. Ele *sabia* que ela era uma criada, mas, por algum motivo, a escolhera, tendo à disposição um salão de baile cheio de mulheres lindas.

Nomi não se sentia lisonjeada. Estava apavorada.

Ines conduziu o grupo de meninas por corredores infinitos, subindo diversas escadarias; o sangue zunia nos ouvidos de Nomi e ela mal conseguia respirar. Em algum momento, Serina agarrou o braço dela, talvez para evitar que desmaiasse.

Finalmente chegaram a portas duplas entalhadas com peônias enormes e videiras sinuosas, guardadas por um homem de uniforme preto, completamente inexpressivo, que as abriu para elas.

Dentro, uma luz amarela iluminava o cômodo circular, ornamentado em ouro e marfim. Arcadas de mármore sugeriam um labirinto de corredores mais além. Cada arco era emoldurado por samambaias longas e finas em vasos pintados. No centro da sala, havia divãs cor de creme cobertos de pilhas de travesseiros de veludo carmim. Uma das novas graças, Cassia, levou a mão ao peito e suspirou.

— Este é o lugar onde nos reunimos antes de eventos — Ines disse. — E é aqui que o emissário do herdeiro esperará por vocês se forem convocadas para vê-lo sozinhas.

Nomi engoliu em seco. Ser um exemplo de elegância em cerimônias no palazzo não era o único trabalho de uma graça. Ela e as outras também deveriam agradar o herdeiro no âmbito privado.

Ela lutou contra uma onda de náusea. Havia sido enviada para servir Serina, não ele. Era para aquilo que tinha se preparado durante todos aqueles anos, enquanto a irmã aprendia a dançar e tocar harpa.

Ela não estava pronta para ser uma graça. Não *queria* ser.

— Nossos aposentos são extensos — Ines continuou. — Vocês podem desfrutar dos jardins e praias do palácio, mas não devem ir além desses cômodos sem escolta. Posso organizar tais excursões quando desejarem. De tempos em tempos vamos até a cidade, mas só em passeios especiais, promovidos pelo herdeiro ou pelo superior. Como graças, é nosso dever agradar, mas o apoio mútuo também é importante. *Precisamos* umas das outras. Vocês vão ver.

Havia algo estranho por trás daquelas palavras, mas Nomi estava agitada demais para tentar decifrar a mensagem mais profunda que Ines tentava passar — se é que havia uma.

Ines as levou até um labirinto de salas decoradas em tons pálidos de amarelo e rosa, com cortinas de damasco pesadas e mobiliário delicado. Portas arqueadas se abriam para áreas de banho azulejadas, sacadas amplas com balaustradas de mármore, uma sala de jantar imensa e armários enormes tomados pelos mais belos vestidos e camisolas que as operárias têxteis de Lanos eram capazes de criar. Nomi sabia o valor de cada uma daquelas peças — sua mãe e outras mulheres como ela tinham trabalhado até a exaustão para confeccioná-las. Serina tinha lhe dito que as graças viviam no luxo, mas aquilo ia além de qualquer coisa que pudesse ter imaginado.

Em cada sala, grupos de graças jogavam cartas ou bordavam, vigiadas por homens silenciosos de libré branca. Nomi não tinha dúvida de que eles ouviam, observavam e reportavam tudo ao superior. Algumas graças caminhavam nas varandas ou conversavam em voz baixa, segurando suas xícaras de café fumegante. Apesar das dezenas de mulheres que viu, os cômodos permaneciam serenos, imperturbados por risadas ou vozes altas.

Ela odiava tudo aquilo. A ostentação. O silêncio. Os sorrisos falsos que as mulheres carregavam mesmo ali. Talvez sobrevivesse àquele mundo como uma criada, já que ser invisível permitia certa dose de liberdade, mas nunca ia se acostumar à serenidade como as outras graças. Como Serina.

Quando Ines por fim levou cada escolhida e sua aia a seus respectivos aposentos, Nomi já estava fraquejando de exaustão, a cabeça cheia de perguntas que ameaçavam interromper o silêncio.

— Há o que comer nos seus aposentos — Ines disse. — Alguém vai acordá-las para o café da manhã. Apresentarei todas as aias à aia-chefe logo cedo. Ela explicará seus deveres. — Os olhos dela se estreitaram em Nomi. — Imagino que sua irmã vai se tornar sua aia, não? Caso contrário, o palácio pode nomear alguém.

A língua de Nomi estava grudada ao céu da boca, tão seca quanto areia, mas ela conseguiu dizer, numa voz estrangulada:

— Quero Serina.

Finalmente, as irmãs ficaram sozinhas. O quarto delas era fresco, e uma brisa constante entrava pela janela aberta. Havia uma cama com dossel, o grosso drapejado dourado servindo também como cortina. Velas bruxuleavam em uma penteadeira, deixando o cômodo com cheiro de rosas e baunilha. Havia uma bandeja de frutas frescas e pães ao lado das velas. Lá fora, a lua crescente pairava no horizonte, seu reflexo dançando no mar inquieto. Daquele lado do palazzo só era possível ver o sem-fim de água salgada, e não havia sinal do brilho e do esplendor da cidade.

Nomi se virou para a irmã. Havia tanta coisa que queria dizer, mas estava tudo entalado na garganta. Ela sentou no canto da cama.

— O que aconteceu? — Serina se inclinou e arrancou as sandálias, puxando as tiras furiosamente.